

Interpelações à Igreja

DESAFIOS ÉTICOS, SOCIAIS E PASTORAIS NO CONTEXTO DA FAMÍLIA: Uma reflexão a partir do *Instrumentum Laboris* da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos

*ETHICAL, SOCIAL AND PASTORAL CHALLENGES
IN THE FAMILIAR CONTEXT:*

*A reflection from the **Instrumentum Laboris** of the III
Extraordinary General Assembly of the Synod of Bishops*

Waldir Souza*
Cesar Leandro Ribeiro**

RESUMO

Este artigo reúne reflexões acerca dos desafios éticos, sociais e pastorais no contexto da família, tomando como base teórica o *Instrumentum Laboris* elaborado por ocasião da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos. Estabelece uma reflexão a respeito da multiplicidade ética presente na sociedade atual que, quando associada às exigências sócioeconômicas, torna-se base para o desenvolvimento de novos arranjos familiares. Esses, por sua vez, constituem-se em oportunidades pastorais para as comunidades de fé. Na base deles, no entanto, há ainda desafios que afetam o ser humano em geral, e que influenciam negativamente as famílias independentemente de sua configuração. Esses desafios podem ser iluminados por horizontes pastorais que visam atualizar o essencial da mensagem cristã a respeito da

* Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor do PPG em Teologia e em Bioética da PUCPR. Membro do Comitê de Ética e Pesquisa no Uso de Animais da PUCPR. E-mail: <waldir.souza@pucpr.com>.

** Mestre em Filosofia pela PUCPR. Professor do Curso de Bacharelado em Teologia. Assessor Nacional da Comissão de Educação e Cultura da CNBB. E-mail: <cesar.leandro@pucpr.br>.

<i>Teocomunicação</i>	Porto Alegre	v. 45	n. 1	p. 5-23	jan.-abr. 2015
-----------------------	--------------	-------	------	---------	----------------



família nas realidades contingentes atuais. Criatividade e misericórdia são meios fundamentais para levar a cabo esse empreendimento pastoral.

Palavras-chave: Teologia. Desafios éticos. Família. Pastoral Familiar.

ABSTRACT

This article presents challenge reflections on the ethical, social and pastoral in the family context, taking as theoretical basis the *Instrumentum Laboris* drawn up in the III Extraordinary General Assembly of the Synod of Bishops. Establishes a reflection on the ethics multiplicity present in today's society that, when associated with socio-economic requirements, becomes the basis for the development of new family arrangements. These, in turn, constitute in pastoral opportunities for faith communities. In their base, however, there still are challenges that affect the general human being, and that influence negatively the families, regardless of their configuration. These challenges can be illuminated by pastoral horizons that aimed updating the essential Christian message about the family in the current contingent realities. Creativity and mercy are essential means to realize this pastoral initiative.

Keywords: Theology. Ethical challenges. Family. Familiar Ministry.

Introdução

Como campo de aplicação e vetor de multiplicação da missão cristã, a família é prioridade estratégica no processo evangelizador eclesial. A família, no entanto, recebe configurações atuais inéditas na história do cristianismo. Os novos arranjos familiares constituem-se em desafios para a vida da Igreja. Nesse contexto, a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos discute a temática, tomando como base o *Instrumentum Laboris*, com o título “Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização”. Esse texto é objeto de análise deste artigo.

O contexto ético atual, desafiador e complexo, é o cenário no qual o referido texto foi gestado. Conhecer-lo é pressuposto neste estudo. A multiplicidade ética retira da base da reflexão sobre a família algumas teorias pré-estabelecidas no seio teológico e tidas, anteriormente, por certas, como, por exemplo, o caso do princípio da Lei Natural. No centro desse contexto pluricultural, emergem os novos arranjos familiares. As configurações e exigências de uma sociedade em muito centrada na economia gera cada vez mais a necessidade de adequações familiares aos

cenários variados. A questão de sobrevivência e a de busca de qualidade de vida tornam-se aqui ideias-chaves para compreender essa “variedade familiar”. O modelo tradicional de família passou a ser somente mais um nesse mosaico.

A III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, embora assim não explicitamente, tem como pano de fundo e desafios essas novas configurações. Desta forma, temos diante de nossos olhos duas realidades. Por um lado, esses novos arranjos familiares. E sobre isso é bom referir que neste artigo o cenário brasileiro é abordado com mais cuidado; no entanto, os fenômenos brasileiros são, de certa forma, universais, numa cultura global. Por outro lado, temos um instrumento de trabalho eclesial e os “resultados” da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos. Neste estudo, lança-se um olhar para essas duas realidades e buscam-se possíveis aproximações. Ao mesmo tempo, pretende-se ampliar os desafios que ainda persistem, alguns chegando mesmo a não serem trabalhados no referido sínodo. O objetivo principal das ideias que seguem é problematizar essa questão da abordagem eclesial sobre a família, buscando dar a ela a sua devida “pré-ocupação”.

1 “Crise” ética de nosso tempo

A família é também o “resultado” da comunidade na qual está inserida com a cultura própria de seu tempo. Ela não está isolada. Ainda que possa ser sua “célula”, é também resultado da sociedade. É possível falar-se em crise na família de hoje? A resposta a essa pergunta pressupõe uma leitura da cultura atual, à luz de possíveis juízos de valores.

Segundo Moser,¹ vive-se hoje o paradoxo de proximidade e distância das várias culturas, que coexistem no tempo e no espaço. Com elas, intensificam-se as múltiplas concepções de valores, vida e éticas. Não se fala mais numa sociedade pautada numa ética central, referencial, mas num pluralismo também ético-moral. Esse pluralismo gera crise, ou seja, discernimento constante e desafiador. Afinal de contas, lida-se, nesse campo moral, com comportamentos, decisões, uso da liberdade, direitos e deveres, responsabilidade, atitudes e princípios. O agir humano, sempre impactante, está baseado em quê?

¹ MOSER, Antonio. *Teologia Moral. Alguns desafios que a Teologia Moral encontra em nossos dias*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Para Agostini,² é preciso compreender a chave das “viradas” humanas ao redor da busca de autonomia em relação às instituições para se entender a concepção ética de nosso tempo. De fato, com Descartes (1596-1650), o ser humano começou a definir a sua liberdade de pensar por si mesmo e construir a “sua verdade”, abandonando os “ditames da fé”. Essa autonomia humana foi ainda mais fortalecida pelo impacto da Filosofia Kantiana (1724-1804), na qual se estabelece o agir humano a partir da ética do dever, iluminada pelo discernimento moral, baseado na igualdade dos seres humanos enquanto livres para escolher, em detrimento à imposição da cultura religiosa ou clássica, aristotélica. A partir de Kant, toda verdade sobre o ser humano vem unicamente dele. Essa realidade foi ainda reafirmada e consolidada pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial (séc. XVIII e XIX).

Por outro lado, essa mesma autonomia humana, reivindicada e sacramentada no alvorecer da modernidade, passou a ser questionada no século XIX. Pensadores como Marx (1818-1883), Freud (1859-1939) e Nietzsche (1844-1900) acabaram por evidenciar que o ser humano é influenciável e que não detém sobre si todos os “controles”. É fruto das forças sociais, ao mesmo tempo em que é resultado de seus instintos, com repercussões sobre o agir; é também construtor de seus próprios princípios ético-políticos gerais para a sua conduta que, por sua vez, hoje estão em vigor e a qualquer momento podem ser questionados.³

Esse cenário é configurado de maneira que a ética tradicional, religiosa, não encontre mais seu espaço como antes. Com a queda das grandes instituições e com o advento da liberdade humana, ainda que questionada em sua autonomia, o ser humano busca justificar suas ações no sentido horizontal, como convenção humana, muito mais do que no sentido vertical, transcendente. Essa secularização crescente é o terreno fértil para a explosão das várias éticas. Onde irá o ser humano encontrar sentido para suas escolhas e ações? Ou como irá justificá-las?

² AGOSTINI, Nilo. *A crise ético-moral em nossa sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

³ A mistura entre a busca de autonomia, por um lado, e o questionamento dessa mesma autonomia, por outro, resulta numa cultura na qual, ao mesmo tempo, se deseja ser livre, emancipado das grandes instituições tradicionais que “ditam” as regras, e se deseja “justificar” o próprio agir com base em valores ou éticas próprias, ou até mesmo individuais. Além disso, toda racionalidade moderna, uma vez questionada, voltou-se, segundo Agostini, para o “fazer coisas”, ou seja, para a produção científica e produção física, colocando o conhecimento a serviço da técnica. Tudo isso intensifica ainda mais a fragmentação ética e a pluralidade de valores.

Para Moser, há atualmente grande dificuldade de se articularem as várias correntes éticas, mesmo aquelas que apontem para a realização humana. No geral, há uma rejeição sistemática de qualquer parâmetro e, não obstante a isso, que aponte para o transcendente. Vícios se tornam virtudes e virtudes se tornam vícios. A família está inserida nesse contexto. Vive intensamente essas variantes éticas. Busca, como a sociedade em geral, seus referenciais. Encontra éticas “isoladas”, nas quais “cada um” fundamenta e justifica sua crença e seu agir também familiar. A ética cristã, nesse cenário, pode ser vista por muitos como um caminho seguro e por outros como somente mais uma ética, uma opção dentre outras.

Para a Teologia Moral, ou ainda, para a proposta cristã, optar aqui por uma ruptura com a sociedade atual e plural, sob o pretexto de buscar seus próprios fundamentos, implica fatalmente a miopia do fundamentalismo. Não seria esse um tom, sutil talvez, que se percebe em alguns discursos eclesiais. A fé cristã está em contradição com a cultura e sociedade atuais? Seria mais oportuno pensar que se está diante de uma oportunidade de evangelização, de serviço à sociedade.

2 Novos arranjos familiares brasileiros

As múltiplas éticas são expressões da pluralidade cultural, complexa e em constante mutação. Como afirmado anteriormente, a família faz parte desse contexto. No mundo inteiro, em geral, constata-se essa diversidade. No Brasil, em especial, pode-se perceber um gradativo, mas contínuo avanço na construção de novos arranjos familiares, em detrimento ao modelo tradicional.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), por família entende-se a união de ao menos duas pessoas por relações de consanguinidade (parentesco), adoção ou casamento. Esse escopo pode contemplar várias realidades diferentes. No Brasil, a partir do último senso do IBGE, de 2010, pode-se perceber essa mudança, tendo como pano de fundo a liberdade dos indivíduos, que criam seus próprios estilos de vida, buscando responder aos apelos sociais de seu tempo.

Nolasco,⁴ ao analisar os últimos dados do referido senso, afirma que há uma crescente individualização da família, agenciada pela busca

⁴ Sócrates Nolasco é graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, mestre e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade

de prazer imediato e aquisição de bens. Segundo ele, o individualismo como crença está no cotidiano das pessoas, que por sua vez têm seus próprios argumentos para defender as escolhas que fazem em suas vidas. Tudo isso, aliado à pressão e exigências sociais, tem resultado num quadro de crescente mudança:

O perfil das famílias brasileiras mudou (...) A chamada família tradicional, modelo composto por pai, mãe e filhos, agora convive com famílias cujo núcleo familiar é formado por crianças de uniões anteriores, de pessoas sozinhas, casais sem filhos e uniões constituídas por pessoas do mesmo sexo. O casamento, tanto religioso como civil, se reduziu diante das uniões consensuais, que aumentaram consideravelmente. Redução da taxa de natalidade, mulheres tendo filhos mais tarde e aumento da estimativa de vida são fatores que corroboraram para esse cenário de mudança.⁵

De fato, as transformações econômicas ocorridas no mundo impactam também na cultura brasileira. O Brasil deixou de ser uma sociedade predominantemente rural; há predominância da indústria e do setor de serviços. A família tida como tradicional estava muito adaptada, em tempos passados, ao modelo rural. Os filhos representavam força de trabalho e prosperidade familiar, diante da ampla disponibilidade de terras. Hoje, ao contrário, a inserção dos filhos no mundo do trabalho passa pela mediação do mercado, que, por sua vez, elabora um filtro bastante exigente. Para Alves e Cavenaghi,⁶ essa formalização

Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e pela PUC-Rio, respectivamente. Sua tese intitulou-se *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais* (Rio de Janeiro: Rocco, 2001). Escreveu *A desconstrução do masculino* (Rio de Janeiro: Rocco, 1995) e *O mito da masculinidade* (2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993). Leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos, em 28 de outubro de 2012. O novo mapa da família que emerge do Censo 2010. Alguns traços característicos. Entrevista especial com Sócrates Nolasco In: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514968-o-novo-mapa-da-familia-que-emerge-do-censo-2010-alguns-tracos-caracteristicos-entrevista-especial-com-socrates-nolasco>>.

⁵ Op. cit.

⁶ José Eustáquio Diniz Alves é doutor em Demografia e professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Suzana Cavenaghi é doutora em Demografia e professora da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE. Os entrevistados esclarecem que nesta entrevista apresentam seus pontos de vista em caráter pessoal.

Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos, em 29 de outubro de 2012. Censo 2010. Uma família plural, complexa e diversa. In: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/515013-censo-2010-uma-familia-plural-complexa-e-diversa>>.

do emprego ocorreu juntamente com a ampliação da cobertura da previdência social, que traz certa “proteção” social pública, mas acarreta suas despesas para a sociedade. Há, nesse processo, uma tendência de aumento de custos e de redução dos benefícios. Tudo isso impacta e modifica a relação entre as gerações, reflete na diminuição do número de filhos por família. Esse é o campo para a descoberta de novos arranjos familiares, ao mesmo tempo em que retira o peso social e econômico das famílias constituídas nos moldes tradicionais.

Alves e Cavenaghi também realizaram um estudo sobre as principais mudanças ocorridas nas famílias brasileiras, tomando como base os dados do IBGE de 2010. Constataram seis grandes mudanças. A primeira está relacionada à redução do arranjo majoritário formado por casais com filhos. Atualmente, aproximadamente 50% dos lares brasileiros ainda estão constituídos dessa forma (núcleo duplo, com filhos). Esse número vem caindo nas últimas décadas. A segunda mudança está relacionada à primeira, que é o aumento do arranjo formado apenas pelos casais sem filhos e sem outros parentes. Em 2010 esse número era de 15%. A terceira mudança foi o aumento do arranjo monoparental feminino (núcleo simples, formado por mães com filhos), também chegando ao redor de 15,3%. Vale destacar que esse arranjo é o que mais sofre impacto negativo econômico. A mãe, sozinha, se vê obrigada a desempenhar duas funções: a de cuidadora e a de provedora. Na maioria das vezes, dedica-se, por exigências de força maior, à função de cuidadora e, exausta, na maioria das vezes, não consegue o tempo e dedicações necessárias que o mercado exige para ser gratificada com salários mais razoáveis. A quarta modificação está no aumento do arranjo monoparental masculino (homem sozinho, com filhos). O número é, aparentemente, pequeno, chegando a 2,2%, mas é preciso considerar que esse número foi duplicado nos últimos 30 anos. A quinta modificação está no aumento do número de mulheres morando sozinhas, chegando hoje a 6,2%. Embora aqui vale destacar que o “morar” só em princípio não designa o “constituir família”. Nesse caso há o chamado domicílio unipessoal. Existe no Brasil um superávit de mulheres acima de 25 anos, pois há uma sobremortalidade masculina (por causas externas, geralmente violência e ou trânsito). No total “há um excedente de 5 milhões de mulheres na população brasileira e a proporção dela sem um companheiro aumenta com a idade”, segundo os mesmos autores. Esse aumento significativo encontra-se na faixa etária dos 30 a 59 anos. A sexta transformação foi o aumento do número

de homens morando sozinhos, chegando a 6,5%. E, ainda, uma sétima mudança perceptível nas últimas décadas é a redução do percentual de famílias extensas formadas por casais, filhos, parentes e agregados. Nas últimas três décadas, esse número caiu de 4,8% para 2,2%.

Essas mudanças, no entanto, não são as únicas. De modo geral, é preciso destacar a existências dos chamados Dinc (Double Income No Children), ou seja, os casais sem filhos e em que os dois estão inseridos no mercado de trabalho. No Brasil, em 2011, os Dincs somavam 5 milhões e 600 mil pessoas. Eles detêm boas rendas e possuem grande poder de consumo. Vale ainda destacar a existência das famílias reconstituídas. Crescem as famílias nas quais tanto o marido como a esposa trazem para a nova união os filhos de casamentos anteriores. Forma-se um quadro de irmãos, meio-irmãos e não irmãos convivendo juntos, somando a esse meio os “novos” avós, tios e tias, os parentes em geral. São também chamadas de famílias-mosaico.

Há ainda as chamadas famílias poliafetivas, constituídas pelos arranjos cujo núcleo não é monogâmico, podendo ser constituído por “casais de 3 ou mais pessoas”. Um homem e duas mulheres, ou uma mulher e dois homens, bem como modelos aproximados. Alves e Cavenaghi destacam que a poligamia ou poliandria sempre existiu na história; a diferença é que agora “estes tipos de arranjos estão sendo visibilizados e estão sendo objeto de busca de base legal para serem reconhecidos na legislação brasileira”. Há também um crescente aumento das chamadas famílias homoafetivas, formadas por casais do mesmo sexo. É uma realidade ainda não mesurada de forma adequada nas pesquisas, mas, segundo Alves e Cavenaghi, estima-se que haja cerca de 60 mil casais constituídos no Brasil nesses modelos, sendo a maioria deles formada por casais de mulheres.

Portanto, torna-se evidente que um novo quadro familiar se constituiu. Trata-se de uma realidade, aparentemente sem volta. Com o relativismo ético, crescem as opções individuais, bem como buscam se autojustificar. A pressão social e econômica exige flexibilidade, mudança de paradigmas. As pessoas reinventam suas formas de viver, mas ainda assim buscam as formas de uniões familiares. É certo que o modelo tradicional sofreu grande golpe. Os casamentos ficaram mais instáveis. Grande é o número de separações e divórcios. Grande é, no Ocidente, a queda da taxa de fecundidade, maior é a esperança de vida, inegável é a inserção da mulher no mercado de trabalho. Enfim, eis os novos arranjos familiares, com suas peculiaridades. Eis uma realidade,

sem dúvida, desafiadora. Desafio também para a Teologia, para a evangelização.

3 Desafios Pastorais no contexto da família

As alegrias e as angústias da sociedade são também as alegrias e angústias da Igreja. No cinquentenário do Concílio, vale lembrar o parágrafo inicial da Constituição *Gaudium et Spes*:⁷

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.

De fato, a Igreja é chamada a viver e intensificar o Reino, no mundo, entre os homens e mulheres de seu tempo. O Evangelho é sempre Boa Nova, acredita-se, para qualquer tempo, pois traz em si a mensagem da vida, da vida em abundância (Jo 10). Não há por que relutar. O cenário atual e o Evangelho de Cristo devem e podem se encontrar. Os novos arranjos familiares, o discernimento ou o não discernimento ético, a força sócioeconômica não são elementos determinantes e finais da vida que está em processo. São campos de aplicação da missão pastoral e, dependendo da situação, podem até se tornar vetores de multiplicação da mesma. Essa é a posição do Papa Francisco ao se referir ao Sínodo de 2014, sobre as famílias, nos seguintes termos: “Deus não tem medo das coisas novas. É por isso que Ele está sempre nos surpreendendo, abrindo os nossos corações e nos guiando de maneiras inesperadas”.⁸ Ele pede que a Igreja fique aberta ao “Deus da Surpresa”. Não há por que ter medo do novo. Ao contrário, a Igreja está no mundo para servir à vida, sem temor.

A III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, realizada no Vaticano, de 5 a 19 de outubro de 2014, com o tema “Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização”, foi um exercício de relação da Igreja com a sociedade e cultura atuais. A família,

⁷ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, n. 1.

⁸ Discurso final do Papa Francisco para o Sínodo sobre a Família, em outubro de 2014. In: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2014/10/18/0771/03046.html>>.

célula dessa mesma sociedade e coração das comunidades eclesiais, esteve no centro da pauta. De fato, a começar pela elaboração do *Instrumentum Laboris* (Instrumento de Trabalho elaborado previamente ao Sínodo com a finalidade de iluminá-lo), a realidade desafiadora das famílias veio à tona. Esses desafios são, nesse artigo, sintetizados, recebendo, no entanto, um tratamento particular (interpretação) de quem aqui os relata.

3.1 *Desafios que perpassam as famílias de modo geral*

O *Instrumentum Laboris* (IL), por ocasião da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, apresenta desafios que envolvem as famílias de modo geral. Como mencionado, seguem os mesmos aqui numa ordem livre, com interpretações particulares dos autores, embora sempre mantendo a fidelidade à estrutura original do conteúdo:

- a) *Dificuldades de comunicação e diálogo entre os cônjuges e destes com os filhos*. Segundo o documento, essa dificuldade é a matriz da consequente falta de confiança entre as pessoas, no desenvolvimento do domínio de uma pessoa sobre a outra e do agravamento dos conflitos entre as gerações.⁹
- b) *Debilidades da figura do pai*. Há um arquétipo social veiculado pelos meios de comunicação no qual a figura do pai é associada à insegurança, infantilidade e equívocos nas decisões; e a figura da mulher, por sua vez, é associada à assertividade, ao poder. Ilustrando, podemos encontrar em Nolasco (2015) a reflexão sobre esse modelo nos seriados “Os Simpsons” e/ou a “Família Dinossauro”. O IL, embora não desenvolva esse tema, o retrata também como ausência do pai junto às responsabilidades da família, sobretudo na educação dos filhos.¹⁰
- c) *Indiferença em relação à vida*. Temas como o aborto e eutanásia são muitas vezes tratados de forma superficial. O IL alerta que esse modo de pensar faz parte de um contexto de rendimento diante da cultura do descarte, do relativismo e do pragmatismo.¹¹

⁹ *Instrumentum Laboris*. III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos. Os desafios pastorais das famílias no contexto da evangelização, n. 64. In: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20140626_instrumentum-laboris-familia_po.html>.

¹⁰ Op. cit., n. 64.

¹¹ Op. cit., n. 65.

- d) *A violência exercida nas famílias.* Há diversas formas de violência; entre as principais estão a psicológica, exercida com chantagens, imposição de medos, criação de dependências e outras coações; a sexual, exercida com a instrumentalização e coisificação das pessoas, literalmente usadas como objetos e relegadas unicamente a esse plano utilitarista e hedonista; e a violência física, que inclui desde as agressões verbais até as corporais. As maiores vítimas dessa violência, aponta o IL, são as mulheres e as crianças. Há o lamento, no documento, ao se constatar que essa prática é existente em todas as partes do mundo.¹²
- e) *A dependência aos vícios.* Corroe as famílias o uso inadequado de drogas lícitas e ou ilícitas. O álcool tem sido caminho para longas jornadas de desequilíbrios familiares, muitas vezes sem volta. Também foi identificada no IL a dependência à pornografia como fonte de exercício do egoísmo e da banalização da pessoa; realidade que corrompe as bases da castidade.¹³
- f) *Influência e manipulação dos Meios de Comunicação sobre as famílias.* Permanentemente, há o risco de a mídia substituir a reflexão humana, oferecendo conclusões prontas e modelos de atitudes pré-estabelecidos. A população, muitas vezes sem mesmo perceber, passa a reproduzir a “educação” recebida facilmente por intermediários que, por sua vez, na maioria dos casos, agem sob forte influência de interesses de consumo oriundos do mercado.¹⁴
- g) *Incidência do trabalho sobre a família.* Numa sociedade veloz e centrada na economia, o mercado de trabalho torna-se exigente. Provedores familiares são mergulhados nesse contexto. O IL destaca que muitas vezes o tempo familiar se torna escasso, o stress influencia negativamente a qualidade de vida, e a mulher muitas vezes se vê sem tempo para gerar seus filhos com tranquilidade.¹⁵
- h) *A pobreza e luta pela sobrevivência.* É inegável, sobretudo nos países em desenvolvimento, que a hierarquia das necessidades

¹² Op. cit., n. 66-67.

¹³ Op. cit., n. 68.

¹⁴ Op. cit., n. 68.

¹⁵ Op. cit., n. 70.

traz o apelo do pão, da saúde e da moradia como prioridades. Nem sempre conseguir esses recursos é tarefa fácil. Em determinadas realidades, muito difícil. Muitas famílias sofrem a desestruturação por falta de condições mínimas de vida. As periferias, como lembra o Papa Francisco, atestam a pobreza como um grande desafio a ser enfrentado.¹⁶

- i) *O contratestemunho na Igreja*. O IL aponta os escândalos de pedofílias e dos “casais faz de conta” mergulhados no seio eclesial como um fator de desmotivação frente ao ideal cristão. Muitas pessoas, por uma visão reduzida talvez, deixam de acreditar nas verdades da fé por julgá-las inalcançáveis, pois “aqueles que deveriam dar exemplo não o dão”.¹⁷

De modo geral, percebe-se, nesse cenário de desafios reunidos no IL, que, além dos novos arranjos familiares, destacados anteriormente, há questões de fundo que acabam por afetar a todos. Nesse aspecto, o documento é muito pertinente ao não só se preocupar em adotar uma visão da realidade, mas sobretudo de buscar quais as fontes dos principais desafios que envolvem as pessoas e culturas em geral e que, conseqüentemente, afetam diretamente e fatalmente as famílias. Há, ainda, ligados a esses, os desafios de caráter mais pastoral (não que esses não o sejam), que afetam mais evidentemente a vida das comunidades cristãs, e que exigem respostas urgentes.

3.2 Desafios pastorais que perpassam as famílias

Dentre os desafios em geral que se constituem em campo de missão evangelizadora, há alguns bastante específicos e que clamam com urgência por soluções, sobretudo para que as comunidades cristãs possam ser edificadas de forma atualizada. O IL apresenta alguns, que aqui são destacados e recebem comentários:

- a) *As famílias alargadas*. O mesmo que famílias reconstituídas, como mencionado no item 2 do artigo. São famílias geralmente de segunda união, que trazem em si uma nova configuração em seus membros, ampliada com filhos de outros relacionamentos anteriores. Que espaço encontram essas famílias nas comunidades cristãs? Como acolhê-las?¹⁸

¹⁶ Op. cit., n. 73.

¹⁷ Op. cit., n. 75.

¹⁸ Op. cit., n. 81-82.

- b) *As relações ad experimentum com estabilidade, fora do matrimônio*. De fato, muitas pessoas optam por “morar juntas” e não pelo sacramento em si. No entanto, muitas dessas pessoas procuram viver sua fé. Também se constituem num grande desafio para as comunidades de fé. Não raro, muitas famílias cristãs com vida comunitária sólida têm visto seus filhos adotar esse caminho.¹⁹
- c) *Os divorciados e/ou recasados*. Clamam por espaço nas comunidades pessoas que, por algum motivo, acabaram por separar-se de seus cônjuges ou que buscaram outras formas de relação. Comumente, são consideradas como fracassadas, pois não conseguiram levar a bom termo o que um dia se propuseram. Há preconceitos quanto a eles em muitas comunidades cristãs, de modo geral.²⁰
- d) *Os filhos “sozinhos”*. Ou seja, os filhos que, mesmo tendo pais, vivem cotidianamente com a ausência destes, geralmente por vivenciarem uma separação conjugal e por terem o seu “cuidador” fora de casa a maior parte do tempo para prover, pelo trabalho, as necessidades básicas. Essas crianças, adolescentes e ou jovens são também objeto de preocupação pastoral.²¹
- e) *As “mães solteiras”*. Jovens que em geral precocemente se dispuseram ao exercício da maternidade, não tendo com o pai de seu filho união conjugal. A elas cabe o cuidado da família, não lhes restando o tempo e recursos indispensáveis para o cultivo de sua própria formação pessoal e profissional. Clamam por auxílio, muitas vezes sem poderem expressar-se publicamente.²²
- f) *Os “não praticantes” que pedem o batismo*. Não raro são os casos de jovens ou adultos que, vivendo fora da comunidade de fé por algum motivo, pedem acesso a ela, desejando iniciar-se na vida sacramental. Em geral, essas pessoas são frutos de famílias que optaram por não inserir seus filhos na comunidade de fé ou que não tiveram as condições adequadas para o exercício religioso. Muitas comunidades eclesiais ainda não

¹⁹ Op. cit., n. 83.

²⁰ Op. cit., n. 86.

²¹ Op. cit., n. 87.

²² Op. cit., n. 88.

estão estruturadas para adequar-se a essa demanda de forma assertiva.²³

- g) *União estável de pessoas do mesmo sexo.* O IL menciona essa questão como um grande desafio. As comunidades cristãs, em geral, não conseguem assimilar essa realidade com o mínimo de compatibilidade com a vida comunitária cristã. Comumente, quem vive nessa situação de vida a dois vê na Igreja grande fonte de preconceitos. Como encaminhar pastoralmente essa situação? Os filhos desses casais têm o direito de serem batizados e, mais do que isso, de poderem se desenvolver na vida comunitária paroquial? Como acolhê-los?²⁴

Certamente, muitos outros ainda serão os desafios pastorais que, inevitavelmente, batem à porta da comunidade eclesial. O IL reuniu os itens acima, a partir de grande consulta às comunidades do mundo inteiro, e os colocou na pauta como assuntos próprios de um tempo e que precisam de atenção especial. Houve, no mesmo documento, espaço para abordar ainda alguns desafios que não afetam os povos em geral, mas algumas realidades específicas: a) A pressão social que em alguns países se exercem sobre os filhos, exigindo deles uma colocação no mercado de trabalho e/ou no mundo da educação de acordo com as expectativas mais altas. Não raro, há jovens que buscam o suicídio por conta dessa pressão. b) As famílias que sofrem os impactos das guerras. Vários são os países que vivem essa realidade. Sobretudo as crianças sofrem impactos muitas vezes irreversíveis dessa dura realidade. c) As doenças. Há família que convivem diariamente na luta por combater alguma doença instalada em um de seus membros. Essas famílias também clamam por uma atenção especial.

4 Horizontes pastorais possíveis no contexto da família

Frente aos desafios pastorais apresentados, quais seriam as posturas a serem adotadas pela Igreja perante a família de hoje? Inicialmente, o próprio IL do Sínodo apontou para a crise do conceito de Lei Natural, no qual, durante muitas décadas, a Igreja acentuou seu discurso para justificar a constituição da família cristã. O que é natural (Lei Natural) numa sociedade na qual há muitas éticas e, supostamente, verdades?

²³ Op. cit., n. 90.

²⁴ Op. cit., n. 110-112.

As interpretações são diversas e por vezes contraditórias, como, por exemplo, no caso da poligamia em relação à monogamia. A questão então está no respeito à diversidade e na busca de autenticidade de se viver aquilo em que se acredita, sem querer impor aos outros alguma receita valorativa. Cinco são as saídas possíveis de serem identificadas nas resoluções do Sínodo, segundo a interpretação aqui adotada (embora o Sínodo, mesmo assim não sistematizou):

- a) É preciso buscar *na fonte do Evangelho o ideal da família*. Antes de qualquer medida pastoral a ser adotada, a Igreja precisa preocupar-se com a própria conversão. Não é só missionária, é, ao mesmo tempo, discípula. Perdendo-se a referência, não haverá jamais condições de atualização, inovação e criatividade. Somente quando se tem bem claro o que é essencial é que se torna possível adaptar as questões secundárias, sem se perder o imutável. O ideal da família cristã precisa ser constantemente construído a partir do modelo trinitário, das relações de perdão, partilha, fraternidade, confiança, serviço, com base no mistério pascal que tudo reconfigura no amor ágape.
- b) *Cultivo da aceitação do outro*. Em tempos de pluralidade, de diversidade, mesmo no seio familiar é comum se encontrarem opiniões diferentes, situações por vezes aparentemente incompatíveis. O grande exercício cristão é a aceitação do outro, enquanto pessoa, que precisa ser acolhida e amada. O mesmo deve valer para as famílias entre si. Como diz Paulo, “Quem está em pé cuide para não cair” (1 Cor, 10,12) e aquele que caiu empenhe-se para levantar. E o mesmo vale para a comunidade cristã em geral. O primeiro passo no exercício eclesial é reconhecer-se servidor. A Igreja está a serviço, a todos acolhe com a finalidade de dar a cada um as condições de uma vida digna. Obviamente, aqui impera o princípio de distinção entre pecado e pecador. Acolher a pessoa sempre, o pecado nunca. Quanto mais diversa for a sociedade, mais oportunidade tem a comunidade cristã de exercer sua catolicidade.
- c) *Educação na fé*. Uma das constatações do Sínodo foi a de que as bases cristãs, em geral, não conhecem suficientemente os ensinamentos do Magistério da Igreja seja sobre a Família ou sobre demais assuntos relacionados. Muitas questões levantadas já foram amplamente tratadas nos documentos

eclesiais. No entanto, há ainda um certo abismo entre os redatores dos mesmos e as comunidades de fé. Há que se investir numa catequese sólida, tornando, de formas diversas, esses conteúdos acessíveis a todos.

- d) *Uma pastoral familiar intensa e vigorosa.* De fato, cabe aos pastoralistas encontrarem novos caminhos de acolhida e de vivência cristã para as famílias, considerando os novos arranjos familiares, bem como os desafios próprios do tempo presente. Como um coração de mãe que acolhe seu filho em seu ventre, da mesma forma a Pastoral Familiar, ao mesmo tempo em que cultiva o ideal da família cristã, oportuniza esse conteúdo essencial nas situações contingentes do dia a dia, relativas, que não serão eternas, certamente.
- e) *O Cultivo da medicina da misericórdia.* Para os casos difíceis, pastoralmente desafiadores, ou mesmo para os casos ainda não assimilados pelas comunidades cristãs, há um princípio que a nada dever ser preterido. O princípio da misericórdia e da acolhida. Nenhuma situação é maior do que uma pessoa. A pessoa precisa ser acolhida no seio da comunidade cristã e, dependendo da situação, receber um tratamento especial. Aqui, embora o Sínodo não tenha relatado esse fato, vale destacar a experiência da comunidade ortodoxa que, em situações especiais, concede às pessoas impedidas de receber algum sacramento uma bênção especial que a introduz na vida comunitária numa condição especial, abrindo-lhe, inclusive, o acesso aos sacramentos.²⁵
- f) *Renovação da linguagem.* Reiteradas vezes, constatam-se pessoas buscando os mesmos ideais, utilizando como meios linguagens e métodos diversos. Esses meios, no entanto, não raro, são motivos para desavenças e separações. É preciso aprender a flexibilizar a linguagem, mesmo a eclesial, teológica. Esse é também um desafio para as pastorais, não tanto para a academia ou para o magistério. Trata-se de um exercício de empatia.

Os desafios que envolvem as famílias no tempo atual não podem ser vistos como contradição ao Evangelho da Família, mas sim vistos

²⁵ Posicionamento adotado na Igreja Ortodoxa. In: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/a_igreja_ortodoxa_fe_e_liturgia7.html>.

como oportunidade de tornar real a verdade de fé adaptada em situações diversas. O que se precisa não é a preocupação com o “como”, mas antes com o “quê”. Não que o “como” não seja importante, realmente o é, até mesmo decisivo muitas vezes, mas ele somente pode ser reconfigurado se o “quê” estiver evidente. No cristianismo, o “quê” é sempre atual. Cristo, seu Evangelho, a vida feita serviço. Essa realidade vale para todos, para todas as famílias, independentemente de seu arranjo. Portanto, é preciso investir no resgate das raízes mais profundas da ética cristã, mesmo que em muitos locais, mesmo cristãos, não seja ainda possível percebê-la em sua originalidade.

Essa postura é iluminada ainda por uma convicção: o cristianismo pode ser percebido por muitos como uma ética entre tantas outras; no entanto é inegável que a mesma foi forjada no fogo dos séculos. Essa realidade não pode ser esquecida. E, nesse sentido, é preciso acreditar que o cristianismo é luz para o mundo atual. Que não o substitui, mas o ilumina. Ele é capaz de elaborar com os povos uma pauta comum em relação à defesa da vida, bem como é sempre vocacionado à busca de novos caminhos, buscando sempre o sentido último e comunitário de todas as coisas.

Considerações finais

Reuniram-se, neste artigo, as seguintes ideias: a) Vive-se hoje uma realidade na qual as instituições não ditam em geral mais as regras. A autonomia da pessoa é reivindicada e, mesmo sendo colocada em dúvida muitas vezes, ela é fonte das muitas éticas presentes em nosso tempo. Essas éticas são não raras vezes contraditórias entre si. A ética cristã, para muitos, pode ser vista apenas como mais uma entre tantas. b) Viu-se que esse cenário de relativismo e pluralismo, associado às demandas das sociedades em relação à economia e ao mercado de trabalho, é o terreno fértil para a criação de novos arranjos familiares. A família ao modelo tradicional é gradativamente deixada de lado. Esses novos arranjos são realidades que surpreendem muita gente, e também as comunidades de fé. c) A Igreja, por meio da audácia do Papa Francisco, está buscando um olhar crítico sobre a realidade complexa das famílias e está se propondo a buscar novos caminhos. A III Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, sobre a família, se propôs a levantar os desafios pastorais dessa realidade. Pelo *Instrumentum Laboris*, pode-se perceber o quanto é preciso de fato buscar os desafios que estão na base das crises familiares,

independentemente do arranjo que a caracterize, embora os novos arranjos ainda não tenham sido tratados especificamente pelo sínodo. d) E, por fim, refletiu-se sobre os horizontes pastorais possíveis no contexto da família, apostando no Evangelho da Família como fonte inegável de todas as inspirações nesse campo. Para vivenciá-lo, é indispensável uma postura de Igreja discípula, educadora e é fundamental o incremento de uma Pastoral Familiar intensa, criativa e vigorosa. Em todo esse processo, o exercício da misericórdia e da acolhida é o meio principal de se estabelecer e cultivar relações sólidas e coerentes com a catolicidade.

Certamente as conclusões do próximo Sínodo, de 2015, devem trazer novas e ricas perspectivas, visto que tratará do tema: Jesus Cristo revela o mistério e a vocação da pessoa humana e da família. Trata-se de um processo de atualização da fé na realidade familiar que, embora lento, não deve recuar. Igreja de Deus, *festina lente* (apressa-te lentamente).

Referências

- AGOSTINI, Nilo. *A crise ético-moral em nossa sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ALVES, José E. Diniz; CAVENAGHI, Suzana. *Família brasileira*: Plural, complexa e diversa. São Leopoldo, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/515013-censo-2010-uma-familia-plural-complexa-e-diversa>>. Acesso em: 16 fev. 2015.
- JOÃO PAULO II. Encíclica *Evangelium Vitae*: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MOSER, Antonio. *Teologia moral*: questões vitais. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Teologia Moral*. Alguns desafios que a Teologia Moral encontra em nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MOSER, A.; LEERS, B. *Teologia Moral*: Impasses e Alternativas. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NOLASCO, Sócrates. *O novo mapa da família que emerge do Censo 2010*. Alguns traços característicos. São Leopoldo, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514968-o-novo-mapa-da-familia-que-emerge-do-censo-2010-alguns-tracos-caracteristicos-entrevista-especial-com-socrates-nolasco>>. Acesso em: 16 fev. 2015.
- PAPA FRANCISCO. *Discurso para o Sínodo sobre a Família*. Roma, 2014. Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2014/10/18/0771/03046.html>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

SÍNODO DOS BISPOS, Secretaria Geral. *Instrumentum Laboris*. III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos. Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização, Roma, 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20140626_instrumentum-laboris-familia_po.html>. Acesso em: 18 fev. 2015.

VIDAL, M. *Ética teológica: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Recebido: 13/07/2015

Avaliado: 15/07/2015